



**A fotografia como registro da mudança da
paisagem urbana: a desativação do antigo
cemitério municipal de Frederico Westphalen (RS)**

**Fernanda Kieling Pedrazzi
Leandro Antonio Kempka**

A fotografia como registro da mudança da paisagem urbana: a desativação do antigo cemitério municipal de Frederico Westphalen (RS)*

Photography as a record of change in an urban landscape:
the disengagement of former Frederico Westphalen (RS)'s Municipal Cemetery

Fernanda Kieling Pedrazzi **

Leandro Antonio Kempka ***

Resumo: *Este artigo traz resultados parciais do projeto de pesquisa Visita ao antigo Cemitério Municipal de Frederico Westphalen (RS) e busca evidenciar – em imagens captadas ao longo do processo – a mudança ocorrida na paisagem urbana do município. A fotografia, neste contexto, é considerada como um documento que possibilita o registro das transformações da sociedade e serve como referência para analisar o passado e o presente diante das ações em torno da desocupação do cemitério abandonado. Do projeto também resultou um banco de imagens, com olhar jornalístico, sobre a “desocupação” e transformação do espaço antes ocupado pelo cemitério.*

Palavras-chave: *Cemitério Municipal de Frederico Westphalen; fotografia; paisagem urbana; documento iconográfico*

Abstract: *This article explains partly results from the research project entitled Visit to former Frederico Westphalen (RS)'s Municipal Cemetery aiming at showing - through images collected as data – the changes that have occurred in the city's urban landscape. Photography, in this context, has been considered a document which allows for making records of the changes in society and works as a reference for the analysis of the past and of the present regarding the actions of disengaging an abandoned cemetery. From the project, there has also come out an image file, with a journalistic eye on the disengagement and transformation of the space formerly occupied by a cemetery.*

Key-words: *Frederico Westphalen Municipal Cemetery; photography; urban landscape; iconographic document*

* Este artigo apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa *Visita ao antigo Cemitério Municipal de Frederico Westphalen (RS)* registrado na UFSM – Universidade Federal de Santa Maria (RS) e desenvolvido pelos autores entre os anos de 2007 e 2008.

** Professora Assistente da Universidade Federal de Santa Maria – Campus Frederico Westphalen (RS). Mestre em Engenharia de Produção pela UFSM.

*** Acadêmico de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria – Campus Frederico Westphalen (RS).

Introdução

O prazer pela investigação social aliado ao conhecimento da área de fotojornalismo foi a base para um projeto que buscava registrar o estado precário e de abandono em que se encontrava um patrimônio cultural da cidade de Frederico Westphalen, localizada no noroeste do Rio Grande do Sul; o seu “antigo cemitério municipal”.

Busselle (1982, p.164) disse que “a única contribuição do fotógrafo – à parte, naturalmente, seu talento e experiência – consiste na escolha do exato momento a ser registrado”. Credo nisso, a equipe foi a campo para visitar, aproximar-se e conhecer o cemitério de modo a selecionar as características que, em sua visão, mereciam ser guardadas na memória.

O conhecimento das técnicas e os princípios teóricos da fotografia contribuíram para a captação das imagens. Além deles, a apuração por meio de entrevistas e pesquisa histórica foram os métodos utilizados para o levantamento de informações. Para o desenvolvimento do trabalho manteve-se o pressuposto de que “memória é um elemento fundamental na construção da identidade” (CORREA; FREITAS, 2005, p.23).

A princípio, o objetivo do trabalho era registrar o abandono do antigo cemitério. Este objetivo mudou quando, por meio de um decreto municipal de outubro de 2007, a prefeitura de Frederico Westphalen decidiu “limpar” a área. Um outro decreto municipal já determinava o fim do cemitério desde 1985, porém ele não previa o esvaziamento do local, com a remoção das ossadas e eliminação das construções existentes no cemitério. O decreto municipal de 2007 dispunha especificamente sobre a transladação dos “despojos do antigo cemitério”. A partir daí o objetivo da pesquisa passou a ser a documentação, por meio de fotografias, da retirada dos restos mortais e o destino da área de 6.400 m², localizada no Bairro Fátima.

Métodos e técnicas utilizados

Para o registro das imagens foi escolhida uma câmera Nikon D40 de 10 megapixels. Os participantes do projeto de pesquisa e autores deste artigo realizaram a captação das imagens ao longo de 14 meses, ampliando os olhares sobre o objeto pesquisado. As últimas fotografias foram capturadas no mês de outubro de 2008, quando completava um ano da data do Decreto N° 221/2007.

Os depoimentos da comunidade, de moradores e de representantes do poder público, foram gravados em forma de entrevista em gravador digital. Após a decupagem do material, as informações foram analisadas qualitativamente, sendo ratificado o abandono do antigo cemitério de Frederico Westphalen.

No período em que o trabalho se desenvolveu também foi feita uma pesquisa de Opinião Pública sobre o tema, utilizando-se de perguntas fechadas e abertas. Os questionários foram aplicados previamente na vizinhança do local e posteriormente ampliado e aplicado junto à comunidade. Os resultados deste levantamento mostraram a insatisfação do povo com a desativação do cemitério e apontavam alternativas para o uso futuro da área, que ainda não está definido pelo poder público. De acordo com informações colhidas durante este período, a prefeitura municipal pretende realizar um estudo de viabilidade de ocupação da área que abrange quase um quarteirão.

O objetivo das lentes

O objeto fotografado com olhar jornalístico, que compõe “uma série” e se destina a formar uma história (BUSSELLE, 1982), foi um cemitério abandonado, sem sepultamentos há mais de 25 anos, que tinha sido deixado de lado por grande parte da sociedade local.

O antigo cemitério municipal de Frederico Westphalen ficava situado no centro do perímetro urbano da cidade. Até o segundo semestre de

2007 jaziam ali os restos mortais de 342 pessoas. Com o tempo, o local foi abandonado (Figura 1) por vários setores da sociedade. Dois terços das sepulturas sequer tinham identificação, ficando uma incógnita sobre a existência ou não de vestígios enterrados. Segundo o Decreto N° 224/2007, da prefeitura municipal, o cemitério estava oficialmente desativado há, pelo menos, 22 anos.

Considerando a desativação ocorrida através do Decreto nº 045, de 21 de agosto de 1985, do antigo cemitério, situado no Lote Urbano nº 3, quadra “64”, com área de 6.400 metros quadrados, no quarteirão formado pelas ruas Vicente Dutra, Guararapes e Tamoio, no Bairro Fátima, pertencente ao município, conforme matrícula no 16.321 do C.R.I. de Frederico Westphalen. (FREDERICO WESTPHALEN, 2007).

Além de fotografar o local, tendo em mente que o fotojornalismo apresenta fotografias que “registram fatos sem quaisquer montagens” sendo as mesmas “naturais e informais” (BUSSELLE, 1982, p.164), durante a execução da pesquisa a equipe realizou entrevistas com vizinhos do cemitério, poder público e cidadãos que apontavam dois lados contraditórios de uma mesma questão: a desativação ou preservação do local.



*Figura 1 - Memória e descaso: o passado e o presente, em 30 de agosto de 2007
Foto: Fernanda Kieling Pedrazzi*

Nas várias visitas ao antigo cemitério foram captadas mais de duas mil imagens que retratam diferentes momentos de um cemitério: do descuido à desocupação. Para Machado (2004, p.36) as fotografias são indícios de uma determinada época e por isso possibilita uma retomada da história.

A maioria das fotografias foi realizada no período em que esteve vigente o Edital de Chamamento Público, enquanto os cidadãos faziam a retirada e traslado dos restos mortais do cemitério. Entre as fotografias que mais tocaram a equipe do projeto de pesquisa, está a do desenterro de um pai por sua família (Figura 2).



*Figura 2 - Família Millani desenterra o seu patriarca, em 28 de fevereiro de 2008
Foto: Fernanda Kieling Pedrazzi*

Também a simples presença de vestígios de corpos anônimos, não reclamados por familiares (Figura 3) sensibilizava e chocava a equipe. Entre covas abertas de modo permanente eram encontradas ossadas aos pedaços, roupas, sapatos, dentaduras, objetos pessoais. O que outrora era intacto e escondido agora ficara exposto.



*Figura 3 - Parte de um crânio desenterrado, em 24 de março de 2008
Foto: Fernanda Kieling Pedrazzi*

Situações como a retirada de um corpo, com a ossada intacta (Figura 4) – do qual se podia observar restos de pele, ser desenterrado e depois dobrado em frente à câmera – fazem do trabalho fotojornalístico uma tarefa que mistura prazer, aventura e sensações de desconforto.



*Figura 4 - Corpo mumificado, com a ossada praticamente intacta,
em 24 de março de 2008
Foto: Fernanda Kieling Pedrazzi*

Findo o prazo dado para que os familiares retirassem os restos de seus entes, equipes contratadas pela prefeitura tomaram conta do local, a partir de março de 2008, para a realização do “trabalho formal”. Túmulos e jazigos foram abertos um após o outro, numa atividade cumprida por duas empresas funerárias licitadas e contratadas pela Prefeitura Municipal de Frederico Westphalen.

Utilizando-se somente de luvas e uma máscara do tipo cirúrgica, os homens contratados abriam os túmulos e os esvaziavam (Figura 5). Histórias de vida foram ensacadas em recipientes plásticos azuis e pretos e levadas a outro endereço, sem nem mesmo a presença de seus familiares.



Figura 5 - Funerárias retiram os restos mortais dos túmulos, em 24 de março de 2008

Foto: Fernanda Kieling Pedrazzi

Desta forma, a equipe do projeto de pesquisa acompanhou a “morte” de um cemitério destruído, depredado.

A fotografia como documento

Não se pode desprezar a informação histórica que há em uma fotografia, pois ela remete a valores que vão além da estética. O contexto específico em que uma fotografia é captada e a subjetividade de quem a capta são características próprias de um produto cultural como a fotografia.

Marques e Grzybowski (1990, p.13) dizem que a fotografia “isola o instante ao romper com as vinculações dele ao antes e ao depois [...]. Possui ela uma força conotativa que mostra não o objeto, mas a existência dele no passado”. Atualmente existem inúmeras formas de documentar o presente, mas as características da fotografia fazem desta arte um dos elementos mais utilizados e eficazes na documentação histórica.

Como os demais documentos históricos, a fotografia realiza cortes parciais no tecido da história, ambíguos, ideologicamente carregados. [...] Tem, contudo, seu papel específico de referenciar elementos, detalhes e fragmentos, que outros documentos dificilmente captariam. (MARQUES; GRZYBOWSKI, 1990, p.16).

Com isso, o tempo que passou não se apaga. A paisagem do antigo cemitério de Frederico Westphalen, por exemplo, repleta de túmulos e construções fúnebres, o seu estado de conservação em agosto de 2007, quando teve início o projeto de registro fotográfico, e o processo de desocupação permanecem em algum lugar: na memória passível de ser resgatada por meio de fotografias. Flusser (1985, p. 11) destaca o poder de retornar à fotografia para análise.

Embora muda, a fotografia fixa, admite uma volta infinita ao ponto de observação, uma contemplação detida, longa, múltipla e repetida. A imagem pode ser lida como um mosaico que muda constantemente de configuração, à medida que o olhar perpassa através dos planos e grãos, conforme o distanciamento em que a fotografia é colocada ou do grau de ampliação que dela se faz.

Em Frederico Westphalen, pelo fato de o antigo cemitério ter ocupado uma área localizada em um bairro central da cidade, a população frederiquense acompanhou de perto a sua deterioração. O valor de um cemitério, que se relaciona com o sagrado, fez alguns cidadãos expressarem opiniões negativas em torno das ações de desocupação que envolveram o local.

O registro da mudança na paisagem urbana

A formação de Frederico Westphalen está baseada na vida de imigrantes, principalmente de etnia polonesa e italiana. Ao formarem um povoado, que em 1956 tornou-se município, contribuíram com sua cultura. Seus mortos foram enterrados em um cemitério que, depois de alguns anos, caiu no esquecimento.

Enquanto existia, o antigo cemitério (Figura 6) sofreu diversas transformações: da atividade ao abandono. Há mais de 25 anos, depois de ser considerado insuficiente para a demanda da população, foi vítima do descaso, pois todo seu espaço físico já havia sido ocupado com sepulturas.



*Figura 6 - O registro do abandono do antigo cemitério, em 30 de agosto de 2007
Foto: Leandro Antonio Kempka*

Em 1985 foi criado um novo cemitério municipal, distante cerca de três quilômetros do centro da cidade. Com o novo cemitério, o velho foi deixado de lado. A partir do final dos anos 80 o antigo cemitério foi criando em torno de si histórias nada agradáveis de serem lembradas: a vegetação, pouco a pouco, foi tomando conta do lugar. A ação da natureza desgastava os túmulos, animais peçonhentos começaram a habitar o local, vândalos saqueavam sepulturas, outros praticavam atividades ilícitas: o consumo de drogas e o abrigo de delinquentes, à noite, passaram a ser constantes.

O descuido dos familiares aliado ao desinteresse do poder público e ao mau uso do local resultou em um cenário desolador. Os mais preocupados com o destino do espaço físico eram os vizinhos. Após reclamações isoladas de membros da comunidade, o poder público tomou a iniciativa de desocupar o local. Assim, a partir de dois documentos – um decreto municipal e um edital de chamamento – iniciou um longo trabalho.

O Decreto Municipal nº 221/2007, de 8 de outubro de 2007, fazia cumprir a desativação do local, prevista em outro decreto de 1985. O Edital de Chamamento Público solicitava que familiares procedessem ao reconhecimento e à retirada dos “despojos do antigo cemitério” para o que, de acordo com o Edital, teriam um prazo de 90 dias. Durante esse tempo, as famílias puderam identificar os túmulos, exumar e trasladar os restos mortais de seus entes para o novo cemitério ou para outro local que fosse conveniente.

Na primeira etapa da desocupação, em que os familiares deveriam comparecer à prefeitura, para identificação e comprovação, muitas pessoas não procuraram a Secretaria de Planejamento do Município, órgão responsável pelo processo de desocupação do antigo cemitério. Com isso, várias sepulturas ficaram sem reconhecimento, dificultando sua identificação. Encerrado o prazo legal, o poder público contratou duas funerárias para realização de uma segunda etapa, prevista no cronograma de desocupação: a abertura dos túmulos que ainda estavam intactos.

Os restos mortais retirados das sepulturas foram acondicionados em embalagens plásticas de duas cores: azul, para os que não tinham nome ou data, e preta, que continha identificação da pessoa que ali jazia.

As funerárias fizeram o traslado do que restou daqueles primeiros frederiquenses para o novo cemitério.

Todo o processo foi registrado com imagens digitais e virou objeto de estudo jornalístico. Encadeadas, as fotografias revelam o processo dos acontecimentos, de forma cronológica e evolutiva. Na Figura 7 observa-se a imagem do antigo cemitério de Frederico Westphalen, em 30 de agosto de 2007, com suas sepulturas ainda em pé.



*Figura 7 - Entrada do antigo cemitério, em 30 de agosto de 2007, antes da desocupação
Foto: Fernanda Kieling Pedrazzi*

Um ano e dois meses depois, em 30 de outubro de 2008 (Figura 8), com mesma angulação, revela-se que os jazigos não se encontram mais no local. O cemitério morreu e somente uma cruz, fixada na década de 60, quando os primeiros sepultamentos foram realizados, permanece em pé e revela a característica sagrada daquele local.

A temática é de interesse público, relacionado à memória da população, e também polêmica, por se tratar de um local sagrado, pelo menos para aqueles que cultivam a fé cristã. Além disso, a memória de pelo menos 342 pessoas que estavam enterradas no local estava em questão. O acompanhamento do processo de desativação do cemitério deu a certeza de que nenhum detalhe da memória frederiquense seria rejeitado pelas lentes.



*Figura 8 - Entrada do antigo cemitério, em 30 de outubro de 2008, após sua desocupação
Foto: Leandro Antonio Kempka*

A fotografia exige uma constante modificação da paisagem para sua documentação. Essa condição ambígua do fotógrafo para com seus objetos é intrigante: ao mesmo tempo em que ele necessita preservar memórias, seu trabalho exige a mutabilidade da paisagem para novos registros. (CÔRREA; FREITAS, 2005, p.25).

A área em que ficava o antigo cemitério municipal localiza-se a três quadras (Figura 9) do símbolo maior do município, a Catedral Santo Antonio, conhecida em todo o território gaúcho pelas suas linhas arquitetônicas e beleza. Aos olhos da cidade, o cemitério esquecido, com o tempo, foi deteriorando-se.

Com o desenvolvimento deste projeto de pesquisa, o trabalho acadêmico rompeu fronteiras. Não foi apenas um ato mecânico de captação de imagens de um cemitério, mas sim um processo de registro da memória de uma cidade, um documento histórico. Foi documentado um momento único: o fim de um patrimônio cultural. Côrrea e Freitas (2005, p.23) lembram que “as cidades, assim como as pessoas, são feitas de suas memórias”.



Figura 9 - O cemitério e, ao fundo, as torres da Catedral Santo Antonio, em 30 de agosto de 2007

Foto: Leandro Antonio Kempka

Considerações finais

Nas últimas visitas ao local do antigo cemitério, em outubro de 2008, constatamos que a paisagem definitivamente já não é mais a mesma (Figura 10) e que o abandono continua. Ainda restam em pé alguns túmulos em situação bem precária, apesar dos restos mortais terem sido retirados e da grande maioria das construções terem sido eliminadas.



Figura 10 - Situação de uma parte do antigo cemitério, em 30 de outubro de 2008.

Foto: Leandro Antonio Kempka

O trabalho fotojornalístico teve maior intensidade no período em que estava vigente o edital de chamamento público e logo após seu término, quando, em março, foi feita a retirada dos despojos mortais de maneira acelerada. No entanto a paisagem continuou mudando, principalmente após a prefeitura “revirar” o terreno na tentativa de tirar as marcas dos locais em que havia sepulturas.

Um dos méritos do trabalho foi quebrar paradigmas na sociedade quanto ao trabalho fotográfico de um cemitério, principalmente por se tratar de uma cidade pequena, de cerca de 30 mil habitantes. Como diz Barthes (1984, p.62), “no fundo a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é *pensativa*”.

Outro mérito foi criar um banco de imagens único referente a um momento crucial para a comunidade: o desaparecimento de parte de sua história, o fim de um patrimônio cultural. Com o desenvolvimento deste projeto, temos em mãos um exemplo de como a fotografia pode ajudar a perpetuar a imagem da sociedade por meio de um olhar jornalístico.

Referências

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre fotografia**. São Paulo: Pioneira, 1982.

CORREA, Ayrton D.; FREITAS, Mariana M. Fotografia e paisagem urbana. **Expressão: Revista do Centro de Artes e Letras**, Santa Maria, v.1, n.1, p.23-26, jan./jun. 2005.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FREDERICO WESTPHALEN. Decreto nº 224, de 8 de outubro de 2007. Dispõe sobre a trasladação dos despojos do antigo cemitério e dá outras providências. Frederico Westphalen, RS, 2007.

FREDERICO WESTPHALEN. Prefeitura Municipal. Edital de chamamento público nº 001/2007, de 7 de novembro de 2007. Determina *retirada e traslado dos restos mortais do Cemitério*. Frederico Westphalen, RS, 2007.

_____. **Histórico**. Disponível em <<http://www.fredericowestphalen.rs.gov.br/html>>. Acesso em: 21 nov. 2007.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro **Educação patrimonial**. Caxias do Sul: Maneco Livros e Editora, 2004.

MARQUES, Mário Osorio; GRZYBOWSKI, Lourdes Carvalho. **História visual da formação de Ijuí (Rs)**. Ijuí: UNIJUÍ, 1990.